

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Antônio Ferdinando Francisco Possebon

Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon

Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu

Mirassol

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: temática

Entrevistadora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Instituição: Etec Professor Matheus Leite de Abreu

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A entrevista foi realizada com Antônio Ferdinando Francisco Possebon, diretor da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu no período de 1964 a 1986. Professor formado em Pedagogia e Supervisão Escolar deixou registrado a sua trajetória como o primeiro diretor de nossa instituição; a luta pela implantação da escola em 1964 quando toma posse; o sistema de internato; a qualidade do ensino e a melhoria dos espaços físicos. Trabalhou para uma educação de qualidade que possibilitou a implantação e melhoria da estrutura da escola – fazenda, que ao final de sua gestão deixou construído três salas de aulas, aviário, caixa d'água, campo de futebol, consultório dentário e enfermaria, curral, garagem, horta, pasto, pocilga, pomar, quadra poliesportiva e o prédio central onde funcionava a diretoria, alojamentos, banheiros, cozinha, refeitório. O registro histórico de sua entrevista contribuiu para enriquecer a história da instituição, como também o projeto: Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu (1965 a 2019) elaborado para o ano de 2019 que pertence ao Centro de Memória que leva o seu nome Antônio Ferdinando Francisco Possebon.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Local da entrevista: residência do diretor

Data: 14 de abril de 2014

Técnicos de gravação: Juliana Correa de Menezes Silva e Carla Fernanda Dias Gonçalves, alunas da segunda série do Curso Técnico em Agropecuária de 2014

Duração: 61 minutos

Número de vídeos: um

Transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Número de páginas: 19

Sinopse da entrevista

Essa entrevista foi realizada em abril de 2014, e transcrita no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, com o entrevistado Antônio Ferdinando Francisco Possebon, por este participar ativamente do processo de implantação e desenvolvimento da escola, fornecendo dados para materialização histórica do período trabalhado como também enriquecer o projeto: Arquitetura escolar e a história das instalações agrícolas da Escola Técnica Estadual Professor Matheus Leite de Abreu (1965 a 2019).

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 19 de abril a 10 de maio de 2020

Nome da transcritora: Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

SMOOS: Boa tarde senhor Possebon é muita honra estar aqui fazendo uma entrevista, nós estamos assim felizes de o senhor estar colaborando, com a memória da nossa escola e que foi tanto presente para o senhor. Então, gostaria que contasse um pouquinho da sua vida, do trabalho, como é que foi na escola.

AFFP: Eu tenho o prazer de recebê-los. Em relação ao trabalho da escola, nós estivemos durante vinte e dois anos e seis meses como diretor da escola agrícola. Essa escola ela foi inaugurada em 11 de março de 1965, e as aulas foram iniciadas no dia da mentira, no dia primeiro de abril de 1965, inicialmente com 66 alunos, era Escola de Iniciação Agrícola e correspondia praticamente ao antigo grupo escolar. Essa escola no início, nós tínhamos poucos funcionários, mais ou menos doze, eram quatro professores e professores logicamente para lecionar em sala de aula e nós tínhamos dois professores técnicos também, um para agricultura e o outro a pecuária, então isso tudo foi o início. Tínhamos um pavilhão somente, onde esse pavilhão tinha a cozinha, tinha o refeitório e tinha um dormitório, e algumas instalações necessárias anexas. Nessa oportunidade era diretor do Ensino Agrícola de São Paulo o professor Fued Boeri que já é falecido, esse professor se dedicou muito assim essas escolas agrícolas que foi

para quem não sabe um projeto do interventor em São Paulo Fernando Costa, o que ele queria, o ideal dele seria uma Escola de Iniciação Agrícola em todas as cidades, mas Mirassol e Monte Aprazível foram premiadas aqui nessa região. Mais tarde veio Votuporanga e assim sucessivamente e nessa ocasião da escola, nós tínhamos todas as reuniões em São Paulo, era da Diretoria do prédio próprio. Nós tínhamos a praça do colégio, enquanto a Secretaria da Educação ela já estava funcionando no mesmo local, mas mais distante do que era a Diretoria do Ensino Agrícola. Posteriormente foram anexados, mais tarde, todos esses departamentos inclusive a Secretaria da Educação, lá hoje nós temos a Praça Dom Pedro II, então lá ficamos um tempo também, e recebíamos assim, praticamente todo o final de semana tinha que ir pra São Paulo. Chegávamos lá tínhamos que receber instrução e voltava, naquela época nós íamos com o trem noturno, nós tínhamos passagem que era dada pelo Estado, recebendo as instruções vinha-se para cá, e é bom dizer que essa escola, ela foi iniciada numa luta na época da administração municipal de Elias Thomé. Mas, quando por ocasião da lei que instituiu praticamente essas escolas, estava no fim do mandato do ex-prefeito anterior a esse senhor José Maria de Campos Maia. Então Seu Elias que acabou realmente assumindo e dando continuidade aos trabalhos e aqui vinha um engenheiro Dr. Mario Eder, era o engenheiro e veio instalar então a escola. Por ocasião da nomeação dos que iriam trabalhar na escola, isso aconteceu em novembro de 1964 no Diário oficial no dia 4, nós tivemos que ir a São Paulo para poder assim assumir na Secretaria da Educação, depois tomar a posse e já ir trabalhando para a escola ser instalada. Mas, nesse teve um episódio até interessante: todos nós fomos a São Paulo que tinha que fazer um exame médico, no Departamento Médico e todos nós fomos até muito sorridentes esperando sempre uma novidade, mas quando fizemos os exames todos, foi constatado o seguinte, a Maria Paula do Departamento Civil, e aconteceu que, assim que terminaram os exames, no prédio muitos andares, e cada andar tinha uma especialidade médica, então era feito o exame total e interessante que no exame das vistas, nós tivemos lá, eu tive um pequeno problema, que eu tinha, ainda tenho, quando eu era garoto, recém-nascido, praticamente, naquela época tinha a tal de catapora, e acabou estourando nas minhas vistas, não fiquei cego porque Deus ajudou, mas fiquei assim com um pouco de lesão na vista direita e quando eu fui passar lá pelo oftalmologista, ele então, interessante que ele tapou o olho, ai eu falei antes do senhor, quero dizer o seguinte que eu tive esse problema... ah então o senhor está reprovado, o senhor não pode ser o diretor, o senhor não pode trabalhar na educação, o senhor tem... mas, eu falei eu tenho um pequeno problema na vista, pegou e não assinou a ficha. Aí desci, encontrei meus amigos já tinham passado por todos os departamentos, ficaram todos ali e todos contentes, e só eu...o que que eu vou fazer, né? Não tem jeito.

Aí vim embora, aborrecido e os demais todos contentes. Quando eu cheguei aqui na escola esse Dr. Mauro Eder, ele estava no gabinete do prefeito, e eu fui lá avisar o prefeito o que tinha ocorrido. E quando eu cheguei lá o prefeito Elias Thomé ele pegou falou: o Dr. Mário esse aqui é o diretor da escola! Aí eu disse diretor não, houve isso, isso, isso, aí tudo bem, aí ele falou vamos lá para a escola comigo, estava com o jipe da escola, então vamos descer lá. Aí peguei desci com ele. Ficou uma semana, ficou naquela situação. Quando chegou na sexta-feira ele ia embora para São Paulo, falou: faz o seguinte, domingo você vai para lá, na segunda-feira de manhã você esteja no departamento. Aí tudo bem, peguei e fui. Daí fui sozinho, aquela história! Quando eu ia chegando ao departamento lá na quinze de novembro, de repente no meio daquela multidão, não conhecia ninguém em São Paulo, nunca tinha ido sozinho, ia sempre acompanhado, e isso uma voz gritou: professor, professor, era ele no meio da multidão andando: oh, pode ir lá no departamento médico, pode ir no departamento médico, que eu tenho que viajar para instalar a escola de Franca. Aí peguei fui lá, cheguei na secretaria, a recepcionista me identifiquei, ela chamou o rapaz lá e o ajudante falou: leva o professor lá no tal andar, não sei o que, ela só falou isso, daí o elevador, o rapaz abriu a porta. Quando eu dei de cara era o baixinho, parecia o pai do Donegá, risos, não esqueço até hoje, aí ele pegou, antes tinha me tratado com aspereza, o professor, o senhor, eu só fiz isso porque o senhor usa óculos, mas, tudo bem. Ele não me examinou mais, assinou o papel e me deu, vê que situação. Aí voltei. Mais tarde, fiquei sabendo que o negócio era político, porque, esse Dr. Mario foi conversar com o prefeito e perguntou por que houve esse problema. É que tinha um deputado que meu primo trabalha com o médico deste departamento, é um dos bambas lá, tinha na mesa desse médico um recado do político, que era para não passar de jeito nenhum. Então, aí foi problema depois, porque eu não tinha nada com isso. Logo depois deu tudo certo. Vim para a escola, tomei posse da escola nós temos inclusive, algumas fotos que depois vou mostrar pra você. Com relação à inauguração, aí começou nossa luta, uma luta difícil porque internato não é fácil. No internato como eu disse, era um pavilhão só, tinha o restaurante e tinha a cozinha, e ainda tem hoje o dormitório no mesmo prédio. E não é fácil porque, nós recebemos alunos. Como a escola era nova, nós tivemos que fazer Vestibulinho, por que a inscrição ultrapassou muito o número de vagas: sessenta e seis. Nós tínhamos duas classes, e essas classes não tinha terminado, no próprio refeitório davam-se as aulas depois arrumava para (refeição). Então, foi assim até ajeitar a situação, mas acontece que os alunos eles eram todos menores, nessa idade, eles vinham, os pais traziam do Acre, do Paraná, de vários estados como Minas Gerais, e aqui mesmo de São Paulo, Jales, pessoal de Votuporanga, tudo veio fazer a inscrição, então, foi um Vestibulinho apertado, e acabaram entrando os alunos para a escola, e os

preparativos começaram, e a escola acabou sendo Iniciação Agrícola né, e depois posteriormente, nós tivemos aí em 1961, nós tivemos, bom em 64 ela começou, não em 61, em 64 ela começou e nós tivemos praticamente na década de 70, a transformação desta escola, ela passou de primário para ginásial, e depois ela passou então de ginásial para ensino técnico já, com, naquela época nós tínhamos normal, científico, seria o colegial só que na parte técnica, então aí começou a tomar uma estrutura maior, aí nós tivemos a construção de duas salas de aula, mais duas, tivemos a construção do almoxarifado, e inclusive também o almoxarifado, tinha uma sala que lá era aproveitada para sala de aula, aí veio, a construção de alguns anos depois de uma sala pra dentista, pra educação física também, quer dizer que então foi marchando, e a escola foi progredindo, até que passou depois para o governo do Leopoldo Gottardi, nós tivemos aí já também, a inauguração de mais alguns, mais algumas dependências, inclusive tivemos a construção lá da do setor da suinocultura, e tivemos também o setor lá da pecuária, e aí foi iniciado o campo de futebol que está lá até hoje, e enfim a escola foi crescendo, os professores, né, tinham muita dedicação, inclusive nós fizemos uma horta que vocês tiveram a oportunidade de verem na foto, a horta era uma beleza era, dava todo sustentáculo para os alimentos dos alunos, e também o excesso era servido para o educandário, e as outras escolas que também já tinha uma merenda.

SMOOS: A produção era muita então...

AFFP: a produção era grande, né, e nessa produção grande, a gente tinha dificuldade, por que o estado, de janeiro até março, ele não mandava dinheiro, fazia um orçamento, e depois, até entrar um novo orçamento, destinado para as escolas demorava, e aí? Como é que faz para poder dar alimentação para esses alunos? Aí nós tínhamos aí, pelo menos os comerciantes que ganhavam a licitação, eles forneciam, então não nem lugar para colocar a mercadoria, os alimentos, mas depois foi construído o almoxarifado, e começou tudo dentro dos conformes, mas a produção se fazia, a suinocultura era grande aqueles suínos grandes, alimentava bem a escola, o gado que veio também, tinha o leite tinha tudo, e nós tínhamos a horta, então, era muito grande o setor, da agricultura tinha o Sr. José Lemos que era aqui de Mirassol que tomava conta, que era muito dedicado como era o Sr. Nilton Morcelli na parte de dos animais. E, interessante que o ano nós que estávamos aí, demorou demais para vir essa verba, pelo menos a alimentação você ainda conseguia, mas com relação aos animais, não vem realmente aí tudo era necessário para os animais, na alimentação, né, a ração tudo como é que faz? Então o que o Sr. Nilton fazia e o Sr. Zé Lemos faziam, conversavam numa reunião e faziam o seguinte: aí foi, isso o que eu estou contando agora só para distração do

que aconteceu mesmo, aí, foi ele teve a ideia de plantar aquelas abóboras, aquelas morangas, sabe? E por que essas morangas? Por quê segundo ele dizia que o suíno ele comia essas morangas e tapeava a fome, e risos enchiam o estomago, aí, risos. Então é isso aí, isso aí me custou caro, por que nessa época nós tivemos ... a época da ocasião de uma eleição que teve e nós tivemos uma um candidato que não tinha o que falar chegou e falou vejam senhores que precisa enquanto o povo tá sofrendo com fome, o diretor da escola agrícola tá dando a abóbora para o suíno, mas pera aí, era um projeto, mas também quem quisesse buscar lá a gente dava, quer dizer, situações que ... no fim diria que as pessoas não estão por dentro das coisas, depois começam a criticar sem saber. Bom, a escola teve essas coisas aí, depois que passou que passando pra ginásio, ah, nós tínhamos uma represa de peixes, com peixes coloridos, nós tínhamos a carpa, todas as coisas lá. Mas, infelizmente um dia alguém foi lá com uma rede e levou tudo e acabou com tudo, não tinha quem.... a escola é muito grande, né? São coisas que aconteceram, bom o que podemos dizer os alunos que fizeram o primário, eles passaram depois logicamente para o setor ginásial, mas antes de ser criado o ginásio aqui nós tivemos ainda vários anos com só com o curso primário, então o que aconteceu, esses alunos no final do ano, nós tínhamos a colaboração da prefeitura, e também já havia, uma perua Combi, levávamos esses alunos que se interessavam em continuar os estudos para Jaboticabal, e lá eles prestaram Vestibulinho para eles entrarem na escola técnica de Jaboticabal e o ginásio e o colégio, e não era fácil, por que ia de Monte Aprazível e os demais, e como Jaboticabal tinha poucas escolas assim, então aquela remessa toda que ia pra de formandos, sempre pelo menos a nossa escola, era bem vista, quase que um pouco mais de um terço da escola, era.. os alunos iam bem na escola, até que depois foi criado o ginásio, e aí foi mais fácil, tivemos aqui e ali ficamos até passar a colegial, mudamos para criar o colégio, e aí foi criado o colégio, né, e de lá a escola foi crescendo, crescendo e nós tivemos depois com a criação do colégio, tivemos uma mudança no seguinte, a fundação Paula Souza que hoje, a fundação Paula Souza ela encampou as escolas agrícolas, então, se desvinculou praticamente da Secretaria da Educação passou para a Paula Souza, mas antes de passar para a Paula Souza a educação já tinha colocado as escola dentro da diretoria da delegacia de educação, e nosso caso era Rio Preto e lá ficamos por poucos anos até que ai foi novamente a mudança anteriormente passada para a fundação Paula Souza. Quando passou para a fundação Paula Souza, aí nós todos que éramos do estado, efetivos do estado, diretor, professor e funcionários também fomos convocados pra fazer uma opção, nós éramos estatutários, e efetivo do estado, só que nós teríamos que dar baixa nessa parte pra poder entrar na Paula Souza, então eu teria que ser contratado pela CLT e um regime diferente e aí ganharia mais, mas eu por exemplo,

não, preferi continuar na educação, mas como vai ficar o diretor seria diferente, então eu peguei na ocasião, que aconteceu este fato, teve o concurso de remoção, o estado tinha a remoção, e nesse concurso de remoção competi, com todos do estado na região aqui de São José do Rio Preto eu era o primeiro, então naquela época estava vaga a escola Bartyra, o Genaro Domarco, estava também o Tufi Madi, o Edmur, e aqui também o colégio estadual, e ai aconteceu que eu dei uma olhada, e a escola Tufi Madi não tinha dois anos de funcionamento e tinha poucos alunos, né, e ai eu falei... eu escolhi mais fácil começando com uma escola agora e um regime diferente por que lá era internato q aqui não era e então fui pra lá, mas faltava três anos praticamente pra eu me aposentar, e aí eu fui pra lá, mas de três anos eu precisei ficar mais, por que veio aquela municipalização aí, a delegada não queria que eu pedisse aposentadoria, por que os pais estavam acostumados comigo e eu estava acostumado com os pais, e essa transformação de tirar os alunos daqui e mandar para as outras escolas, escolas ginasial, então isso tudo mexeu, então fui ficando, quando acordei fiquei lá de 96 até 2006.

SMOOS: 10 anos.

AFFP: Consegui me aposentar, aí veio depois também essa transformação, veio à municipalização e eu fui à professora Sueli de São José do Rio Preto, veio para montar essa nova situação do ensino municipal, ela pediu para que fosse colaborar com ela, né então acabei não saindo e fui dar uma mão para acertar a situação, quando terminou, já sai e pedi a aposentadoria, mas a escola agrícola deixou saudades, como deixou também a escola Tufi Madi ao todo 38 anos de educação né. Uma vida.

SMOOS: Senhor Possebon vou perguntar algumas coisinhas que eu preciso para o trabalho o relacionamento era bom com os alunos no começo?

AFFP: Era o seguinte...

SMOOS: Como era a clientela?

AFFP: Os meninos eram menores, inclusive quando chegava lá começava a chorar a noite porque não estava acostumado com isso, inclusive aqui em Mirassol nós tivemos aqui um aluno, os pais precisaram buscar porque não quis ficar. Então, tivemos esses problemas e depois era nós tínhamos ali muito cuidado por que dormitório e à noite essas crianças nós tivemos problemas de por exemplo numa situação que não é fácil,

numa situação, tivemos quatro situações assim alunos que era de longe, estavam aqui chegavam só com a roupa do corpo só, iam embora no final do ano e um desses alunos, inclusive lembro até hoje, ele passou mal a noite o rapaz levou ele com a perua e eu fui com ele lá para a santa casa e justamente o médico quando chegou lá falou, Dr. Jair inclusive, tem que, tem que fazer cirurgia da apêndice estuporada, e aí? Não tem o pai para autorizar, não tem a mãe, não tem a família, aí eu falei como é que eu vou fazer? Rezei muito e falei o senhor é o médico, mas quando estava operando o menino, lá por exemplo, chega ainda falta a energia, naquela época, aí precisei ir correr lá e ajudar o pessoal com lanterna, mas, aí depois, fui rezando, vai que acontece alguma coisa com esse menino o pai chega e diz que a escola não deu atenção, não é possível, mas, Deus ajudou muito e correu tudo bem, já tinha avisado os pais, vieram, aí me agradeceram, tudo...mas é aquela história...é que deu certo, se não tivesse dado certo...a situação dura pra gente...então nessa parte assim, com relação ao ensino... dentro do primário era mais fácil para o professor, por que era uma professora para português e a outra para matemática....

SMOOS: Eu olhei os registros era a Maria Aparecida?

AFFP: Maria Aparecida Caldeira, e a outra Dona Wilma Morcelli, são as duas né?

SMOOS: E os dois professores técnicos

AFFP: Senhor José Lemos Lopes e o Nildo Morcelli

SMOOS: O relacionamento entre todos era bom, não é? O corpo docente pequeno, não é?

AFFP: Nós só tínhamos um problema que antigamente, era a parte da secretaria acadêmica. Toda a folha de pagamento era feita manual, então o secretário fazia a folha e depois tinha que levar na secretaria da fazenda em Rio Preto, lá pra conferir, e aquele pessoal que não tinha, que foi contratado para serviço braçal, uns oito mais ou menos, tinha alguns que não por culpa dele, era completamente ignorante, então quando por exemplo, quem pagava era o estado, não era nós, o estado mandava a folha, a secretaria da fazenda corrigia o que tinha que corrigir e mandava, mas teve um desse que não entendia, que eu era o diretor da escola, que tinha o professor, que cada um tinha uma função que ganhava pelo cargo, e aí nessa altura um deles, começou a fazer intriga, ele era revoltado com o ordenado dele, mas meu Deus do céu, ele era um

trabalhador braçal, assim fomos controlando, realmente essas situações assim, implicava um pouquinho a turma, deixava cada um tem a sua função, mas tive uma curiosidade também, eu como diretor cheguei a ganhar menos que o cozinheiro da escola, imagina, não tinha uma estrutura assim, só veio a melhorar quando entrou o regime de dedicação exclusiva, que aí igualou, o diretor tanto fazia de se era do ginásio, se era do colégio, do ensino primário, todos passavam a ser um nível só, então nós tivemos aí, quando melhorou um pouco, mas na verdade era muito serviço, então nós tivemos toda essa parte, com a parte pedagógica, era muito bom, aprendiam bem, os professores eram bons, tanto da parte letras como a parte técnica, e nós fomos tocando, até que quando então aconteceu essa parte da fundação Paula Souza onde tivemos que sair e ir na escola Tufi Madi remoção aí já era um outro cenário.

SMOOS: Apesar dos problemas que o senhor teve como o senhor avalia a sua gestão?

AFFP: Olha, como eu disse, dentro daquilo que nos propusemos a cumprir de acordo com a legislação e a gente procurou logicamente seguir a lei, embora as vezes o coração falava mais alto que a razão, mas, a gente procurava sempre seguir a lei, inclusive uma vez teve até, aqueles funcionários, que as vezes não está contente com a direção, vai lá fazer, inventam as coisas, então, gente sempre teve que passar, mas a nossa situação como é que se pode dizer era um livro aberto, todo mundo sabia da nossa, eu sempre procurei ser muito coerente, não tomava nenhuma atitude, sem que os professores tivessem presentes, inclusive analisava o planejamento para saber se estava sendo cumprido ou não, e vou dizer, passei noites às vezes tinha caso como eu disse para você, tinha problemas de alunos ficarem doentes, ou brigam, tinha que ir lá para acalmar, as vezes coisinhas à toa, mas a gente tinha que estar presentes..

SMOOS: Sim

AFFP: Inclusive, uma vez eu sofri muito aqui em Mirassol por ocasião de uma greve que teve geral dos professores por causa dos vencimentos, e eles queriam por toda lei que eu entrasse na greve, aí eu expliquei falei eu não posso, por que o senhor fecha tudo, mas como eu posso fechar tudo? Se morrer um animal aí quem é que vai pagar o pato? Vocês não têm isso, eu tenho aqui. Agora se os professores quiserem tá liberado, não vou, não vou, né? E aquele funcionário, foi assim essas coisas que aborreciam, não é? Enfim, acabou tudo certo, e a gente sempre tinha argumento para poder realmente vencer essas situações.

SMOOS: Senhor comentou sobre o planejamento, como eram elaborados o planejamento, os currículos, já vinham prontos de São Paulo?

AFFP: Já vinha pronto de São Paulo no departamento de educação. O secretário da educação pegava todos os departamentos que existem ligados à educação, eles elaboravam e mandavam para gente.

SMOOS: Tanto na parte comum como na técnica?

AFFP: Tinha também o inspetor que vinha aqui, inclusive até o engenheiro que percorria as escolas só pra ver as estruturas das escolas, nós tivemos que derrubar todo o telhado que estava arcado, para evitar acidentes. E nós tivemos tudo isso aí.

SMOOS: Certo, certo.

AFFP: Agora a escola, também lógico, recebeu maquinário, recebeu trator, recebeu o jipe, essas coisas, depois uma perua Combi também.

SMOOS: É o cinquentinha esse trator? Ele tem o apelido até hoje de cinquentinha, não é Carla? O vermelho?

AFFP: Acho que é o mesmo, depois você vai ver a foto.

SMOOS: É, acho que é o mesmo ainda.

AFFP: E era difícil né, o diretor de escola agrícola não tinha 8 horas, tinha muito mais. E sábado e domingo, você tinha que ir para lá também, muitos anos depois que colocaram quando englobou os diretores aí que nós fomos receber o vice-diretor na escola, e eles nos ajudaram também, mas foi praticamente uma experiência muito grande na vida.

SMOOS: Eu ia perguntar isso agora para o senhor, algum fato assim, marcou bastante a trajetória do senhor.? Estou vendo que tem bastante, né, risos.

AFFP: Estou comentando, mas é, são coisas que a gente acabou superando, mas, posso dizer que graças a Deus sai de lá deixando tudo em ordem, inclusive uma escola que eu iniciei, vinte e dois anos e seis meses como disse, vivi a escola desde o seu

nascimento e crescimento, e quando sai tinha praticamente, com essa Paula Souza, mudaram algumas salas, algumas coisas, mas nós já tínhamos quadra que hoje está coberta, o aviário foi construído também, quer dizer então, aos poucos nós fomos conquistando, sempre o relacionamento que eu tive aqui com os prefeitos essas coisas, nunca tive atrito com ninguém, então a gente conquistava as coisas mais fácil ajudava muito, a prefeitura ajudava muito as escolas.

SMOOS: O senhor conheceu o patrono?

AFFP: Conheci, o senhor Matheus leite de Abreu? Conheci, e por sinal o professor Matheus Leite de Abreu era conterrâneo do professor Fued Boeri, eles eram de Pirassununga me parece.

SMOOS: Se não me engano era de Pirassununga mesmo.

AFFP: Você tem o registro, a ficha dele lá?

AFFP: Você tem a ficha dele toda?

SMOOS: Eu tenho, pesquisei alguma coisa, mas não...

AFFP: Quando foi dado como patrono lá, deve ter de onde ele é.

SMOOS: Sim tem.

AFFP: Isso aí, também ajudou muito as escolas, né, nossa escola, inclusive, o professor Matheus leite de Abreu foi normalista e diretor do Edmur, colégio estadual.

SMOOS: Qual colégio? O do Edmur? Ele foi diretor? Do Anísio?

AFFP: Não do Anísio Jose Moreira. Então, com relação a essa parte de formação, eu por exemplo, eu estudei na minha formação primária no Edmur Neves, em Mirassol, depois do Edmur Neves, nós tivemos aí, aquele negócio de vestibulinho que tinha para o ginásio, aí eu ingressei no Ginásio Estadual, e depois também para fazer o ginásio tinha o Vestibulinho. Aí nessa altura passou a ser Colégio Estadual e Escola Normal de Mirassol, então foi aí que complementei. Aí posteriormente formei no magistério e inclusive fiz um estágio lá na cidade de Cardoso na fazenda dos ingleses, foi onde eu

comecei. Mas eu dei sorte, porque naquela época lá, você lecionava e contava pontos, e nesse contar de pontos, eu consegui uma substituição na escola Edmur Neves. Aí quando eu estava na escola Edmur Neves, apareceu essa escola com uma vaga na cidade de Dolcinópolis e assumi em Dolcinópolis. Naquela época o trem queimava toda a roupa, era a lenha, soltava aquelas faíscas, chegamos lá daqui até Jales parece que viajamos o dia todo, nunca vi, era bitola estreita e de lá peguei uma jardineira, que meu irmão estava lecionando em Palmeira d'Oeste que era para aquele lado e aí peguei e fui para Dolcinópolis, cheguei em Dolcinópolis a cidade estava começando uma vilinha, aquele matagal, estava começando a construir a igreja, e a pensão que eu fiquei, tinha professores que chegaram também que iam para a escola, inclusive a parede que você dormia faltava tijolo, você enxergava a rua, nem rebocado era, a cama você deitava o traseiro batia no chão.... risos a escrivaninha era um caixote de querosene que parava em pé e você punha a lamparina porque depois das dez horas da noite o motor parava de funcionar risos.

SMOOS: Meu Deus.

AFFP: E quando eu cheguei lá uma curiosidade, um, andou atirando, não sei em quem, a polícia toda atrás desse pessoal todo com medo, falaram que ele era muito violento. Mas, eu dei sorte, porque o diretor daquela escola era Satori, perto de Jales tem uma cidade lá, Urânia, que tem uma escola com o nome dedicado a ele, faleceu lá. E ele era vizinho meu, quer dizer, fiquei uma semana, não tinha levado ainda praticamente, porque fui lá pra ver. Mas eu trabalhava na rádio nesse ano, a rádio era da rede Piratininga, e o gerente da rádio era o Egídio Lofrano, irmão do Lorival Lofrano, e quando eu fui pra lá o Egídio falou você vai? Aí eu falei, olha Egídio eu tenho que começar minha carreira de professor, agora vou para lá. Aí quando chegou, eu vim embora para buscar as coisas para levar as roupas. Aí quando cheguei aqui no sábado, cheguei no sábado à noite, de madrugada, mas eu cheguei fui e sempre fui, minha vó sempre nos levou a igreja, sabe, eu não perdia uma missa, até hoje, eu fui na missa das dez horas, levantei porque a noite no domingo eu tinha que pegar o trem e voltar para lá, aí eu cheguei e fui na missa, quando eu vou chegando na praça, seu Lofrano tinha a alfaiataria no centro, o Egídio ia saindo da casa que morava no fundo, ele falou o professor e aí? Eu disse está assim... vim buscar as coisas agora para voltar, ele falou: quanto você vai ganhar lá? Vou ganhar X. Por isso aí, eu te trouxe, pensei bem, acho que vou falar com minha irmã, não vou mais, vou ficar na rádio mesmo seja o que Deus quiser, e você avisa o inspetor senhor Poletto... e aí fiquei na rádio. Nesse ano, eu tinha me formado no ano do centenário, então aí já era 61, então eu fiquei aqui na emissora quando

chegou no mês de março, nessa altura já tinha proliferado a construção de muitos ginásios pelo interior começou a abrir, acontece que professor estava faltando, aqui mesmo eram poucos os professores que eram efetivos, eram assim contratados temporariamente para suprir a área que estava faltando, cargo efetivo não tinha.

SMOOS: Sim

AFFP: Então o MEC Ministério da Educação e Cultura resolveu abrir o CADES que era o curso de aperfeiçoamento para quem quisesse lecionar no ginásio e no colegial, só que esse curso, a duração dele era quarenta e cinco dias, era intensivo, trinta dias ia ter uma prova, um provão, quem passasse continuaria mais quinze dias, depois teria o segundo provão para quem ficou e passou e depois tinha também que dar uma aula. Em Rio Preto então, vieram professores da Dom Pedro II a faculdade mais famosa do Rio de Janeiro, inclusive Dr. Pedro Garbes muito famoso na época, inclusive Castro Silva que escreveu livros, veio dar umas aulas aí, então aconteceu que desses professores e dessas áreas tem uma equipe para Geografia, História, veio para Matemática específico, Português, todas as aulas do Ginásio. Na área de Matemática nós começamos em 65, tinha a turma de Português, e começaram as aulas, começavam as sete da manhã, sete e meia, oito horas, os professores se revezavam e ia até o meio dia mais ou menos, tinha o almoço e a gente voltava, como a gente morava aqui em Mirassol, a professora Maria Aparecida Caldeira foi fazer e outros professores, nós comíamos um lanche e voltávamos, saímos as cinco horas da tarde e depois voltávamos sete horas da noite ia até as dez, e depois voltávamos no outro dia e assim por trinta dias. Mas nós demos sorte, parece que Deus sempre colocou alguma coisa pra ajudar, dentro dessa turma temática, tinha um que foi fazer, era o juiz de direito de General Salgado, o doutor Osvaldo Ferreira da Silva, inclusive naquela época tinha o Ademar Ferreira da Silva, que foi campeão olímpico, tinha quase o nome igual, e ele tinha um cargo, era juiz de direito, chegou e o que que ele fez, chegou e ficou hospedado aqui em Mirassol no hotel, e nós nos conhecemos lá e ele pegou nos deu beira, aí toda dia ia com ele e voltava com ele, e a gente depois, chegava às dez horas ainda ficava mais de uma hora, eu dormir era quase uma hora da manhã, nós tivemos essa facilidade de estudar e melhorou pra gente a situação, até que chegou o trigésimo dia, mas era muito apertado o curso, alguns desistiram, bom moral da história dos 65 ficamos, perto de sessenta, um pouco mais de cinquenta, cinquenta e cinco mais ou menos, e aí foi para o provão desses trinta dias, e nesse provão de trinta dias, prova escrita, eles pegavam toda a matéria, aí saiu o resultado, sobraram vinte para continuar o curso os demais foram eliminados e esses vinte tinham mais quinze dias, onde foi que apertou mais

ainda, só que quando chegou nesse vinte dias nós tínhamos que fazer o provão final e mais dar uma aula, agora você imagina, sem aluno, sem nada para aquela banca que você dava aula, mas aí que eu digo que o normal não deveria ter terminado, por que no normal, nós tínhamos estágio, aprendia dar uma aula no quadro negro, e aquilo foi bom, ajudou muito, então no dia seguinte fizemos o provão e depois sorteava um ponto, caiu álgebra, peguei e fui, dei a aula, tal, mesmo assim, sabe como a gente é, fica nervoso, mas tudo bem, eu sempre fui assim, calmo, e fomos, quando saiu o resultado final, tenho até aí o registro do CADES, dos vinte que fizeram, nós tivemos aí, praticamente, cinco conseguiram, como era difícil, e mais quatro foi com autorização, não tinha um registro, de Mirassol, foi eu, o Lúcio, o juiz de direito que era de General, o irmão do Sérgio Fava e o irmão do Chafic Barula que inclusive ele é o presidente da APAE de Rio Preto, e os demais, não todos, ficaram, aí sobrou aula à vontade, tinha aula de manhã, à tarde, à noite, então aí comecei minha carreira como professor, até que quando chegou na época da instalação da Escola Agrícola, e aí o prefeito me designou como diretor e fui tomar posse e inclusive é bom até que se frise o seguinte, eu falei tanto que esqueci da minha vida pessoal, sei é que vai interessar, eu nasci em 16 de abril de 1937, por tanto vou completar 77 anos de idade dia 16 aqui em Mirassol, meu pai era o João Batista Possebon, um dos mais antigos comerciantes de secos e molhados da cidade, inclusive sua família e seus avós compravam tudo lá, e minha mãe chamava Tercilia Belon, e os dois oriundos italianos, sendo que meu pai quando casou veio para cá, e casou com minha mãe em Franca, de lá foi para São Paulo, justamente com os parentes dela pouco contato eu tive, depois começou a minha situação que fui diretor da Escola Matheus Leite de Abreu de 64 a 86, e da Tufi Madi de 86 a 96 quando eu me aposentei, a minha formação foi em Votuporanga na FACLE em Pedagogia e na Faculdade Dom Bosco em Monte Aprazível eu fiz Supervisão Escolar, o primário como disse, estudei em Mirassol, como também o ginásial na Escola Estadual Anísio José Moreira de Primeiro e Segundo Grau e acabei depois fazendo o Normal quando começou minha carreira como professor e tive sorte como eu disse, quando eu fiz pro Ginásio eu fiquei por aqui, lecionei além de Mirassol no Anísio Moreira, no Bartyra, no próprio Edmur Neves ondei comecei minhas primeiras letras e o estudo, passei por todas escolas que eu tinha passado na formação de estudante eu comece, depois eu lecionei no Colégio Dom Bosco de Monte Aprazível, no Colégio de Neves Paulista e também no Colégio São José dos padres em Rio Preto, e além da Matemática que eu tinha todo o registro, em determinado momento eu também lecionei Filosofia e Artes no Instituto de Educação Anísio José Moreira que faltava professor, então a gente quebrava o galho, e todos esses aí foi passando, e com relação ainda a parte dentro do setor educacional eu fui coordenador geral do Mobral de alfabetização em 71 e quem instalou o Mobral em Mirassol, Jaci, na comarca toda

Mirassolândia, Bálamo, Neves Paulista fui eu, quer dizer, logicamente designado por São Paulo, pertenci a Sociedade Cultural Mirassolense, ao Centro Cultural Brasil – Estados Unidos e a União Brasileira de Escritores 40 anos São Paulo, pertenci também ao Projeto Rondon da área de São José do Rio Preto, uma noite de gala considerada a noite do Oscar aqui em Mirassol patrocinada pelo Rotary de Mirassol eu recebi em 85 Diretor do Ano de Mirassol, melhor diretor de escola do ano de 85. Na área política, eu fui eleito pelo voto popular em 1º lugar pelo Partido Democrata Cristão, eu fui o 1º lugar no partido e 4º no geral num universo de 65 candidatos, nas eleições não se ganhava nada, aqui era sempre os coronéis que sempre..., como eu tinha iniciado como professor, lidava com futebol, era muito conhecido, acabei tendo essa votação boa e acabei ingressando então como vereador. Como vereador em 65 ocupei por três anos, duas vezes a primeira secretaria e a segunda secretaria da Câmara. Nós tivemos depois também a minha passagem que até hoje estou no Correio de Mirassol eu tenho uma coluna “De tudo um pouco” e permaneço com ela, só que no começo eu fazia crônicas, de pessoas que faleciam e fui ficando, depois passei a parte de esporte e opinião por que na emissora local também eu era radialista e continuei fazendo uns bicos lá, e também trabalhava no setor de esportes, inclusive em 83, eu tive cinco anos lá, 78 a 83 fazendo comentários esportivos pela Rádio centro América de Rio Preto. Recebi várias homenagens da atuação pela imprensa escrita e falada da cidade e região, sempre com elevada audiência daquilo que eu escrevia e das opiniões que eu dava. A Câmara Municipal me deu várias oportunidades inclusive recebi ultimamente a medalha 08 de setembro, essa medalha é dada a aqueles que prestaram serviços relevantes no setor educacional dentro da cidade. Escrevi também para um jornal que hoje já não existe o Correio da Araraquarense na década de 60 e inclusive era um jornal muito bom na época, aí os que eram proprietários do jornal acabaram falecendo, o jornal foi extinto ou passou, não sei, para outro nome, naquela era Correio da Araraquarense. Nós tivemos aí, desenvolvi no Centro do Professorado Paulista de Mirassol fui um dos sócios-fundadores, exerci por muitos anos a secretaria. Desenvolvi vários temas para os movimentos religiosos da cidade, fui membro do cursinho da cristandade onde cheguei a coordenador e pertenci também ao treinamento cristã e quando garoto a tendência religiosa ficou. Tive participação no teatro, participei de várias peças atuando como ator, inclusive fui mestre de cerimônia que até hoje ainda exerço na cidade, desde 65 todo desfile de sete de setembro. Narrava os desfiles cívicos, narrava no começo na Rádio Difusora de Mirassol, depois a Rádio não transmitindo mais nós continuamos aí. E no futebol eu fiz parte das equipes do interior do Mirassol F. C. e também as primeiras equipes formadas pelo GREC Grupo de Recreações Esporte e Cultura. Depois como sócio do Tupã participei dos Dentaduras, acabei sendo o artilheiro. Minha esposa é

Cleide Eugênia Possebon, ela é paulistana nascida em São Paulo e nós tivemos quatro filhos, Marco Antônio que é professor de Educação Física, Jair Fernando que está aí que é Médico Veterinário, a Andréa Fernanda que é professora na USP, é psicopedagoga e o Fábio Luciano que trabalha no exército.

SMOOS: Gostaria que o senhor deixasse uma mensagem para a gente.

AFFP: Eu quero agradecer a presença de vocês, foi uma satisfação estar aí falando algo da minha vida, principalmente a minha passagem pela Escola Agrícola e estou aí contente, por que vejo que você está muito interessada em realmente fazer a história da escola, então quero dizer que quando eu saí de lá eu deixei um livro anotado, sempre todo o ano nós fazíamos o histórico. Recebemos visitas ilustres, e era assinado nesse livro de presença e não sei por que depois de... nunca mais ouvi falar nada e não se tocou mais no assunto, mas quando vem alguém com esse interesse de escrever, realmente é bom por que fica para a posteridade e para o próprio arquivo da escola. E até hoje não sei por que não tem lá um painel de fotografias dos diretores que por lá passaram, inclusive de alunos, das festividades principais, acontecimentos da inauguração, é um material que eu tenho aqui, alguns, que eu possa auxiliar nessa tarefa. Acho que o papel que vocês estão fazendo é preponderante, vai ficar para a história, por que tudo aquilo que se coloca realmente dentro do papel e que é guardado com carinho, sempre é motivo de quem amanhã quer saber um pouco da história da escola, já tem aí todo aquilo que lá aconteceu, pelo menos chegando em tudo aquilo que realmente a escola viveu e vive atualidade.

Descritores

História oral na educação

Escola de Iniciação Agrícola

Inauguração da escola

Internato

Convivência

Projetos Agrícolas

Memória do trabalho docente

Escola Técnica Estadual Prof. Matheus Leite de Abreu

Antônio Ferdinando Francisco Possebon

Sueli Mara Oliani Oliveira Silva

Patrono

Centro de Memória

Dados Biográficos do Entrevistado



Antônio Ferdinando Francisco Possebon, nascido em 16 de abril de 1937 em Mirassol/SP, filho de casal de italianos João Batista Possebon e Tercilia Belomo, um dos mais antigos comerciantes de secos e molhados da cidade, casado com a professora Cleide Eugênciã Possebon, pai de quatro filhos. Professor com formação superior em Pedagogia pela FACLE – Votuporanga/SP e Supervisão Escolar pela Faculdade de Educação, Ciências e Artes de Dom Bosco em Monte Aprazível/SP, lecionou nas escolas Edmur Neves, Anísio José Moreira e no Seminário Nossa Senhora de Fátima em Mirassol, no Grupo Escolar de Dolcinópolis, na região de Jales/SP, no Ginásio Estadual de Neves Paulista/SP, no Colégio São José de São José do Rio Preto/SP e no Colégio Dom Bosco em Monte Aprazível/SP. Além do trabalho como diretor na Escola Agrícola, Possebon atuou em diversas áreas como Vice-presidente da Fundação Educacional Mirassolense, 1º Coordenador do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) da Comarca de Mirassol ambos em 1971. Atualmente participa da sociedade Rotary Clube de Mirassol, trabalha como Comentarista Esportivo e Editoralista da Rádio Difusora de Mirassol e colaborador do jornal Correio de Mirassol há mais de 50 anos.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Sueli Mara Oliani Oliveira Silva. Licenciada em Educação Artística (PUC-Campinas, 1989). Licenciada em Pedagogia (Uniube, 2009). Atualização “Programa Gestão Escolar e Tecnologias” (PUC-SP, 2009). Pós-Graduada em Metodologia do Ensino de Artes "Lato Sensu" (Barão de Mauá, 2013). Professora da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (1990 a 2018). Professora de Artes da Etec Professor Matheus Leite de Abreu (1994 a 1996, 1998 a 2019) e da Etec Philadelpho Gouvêa Netto (1999 a 2019). Coordenadora do Ensino Médio e Pedagógica na Etec Professor Matheus Leite de Abreu (2004 a 2012). Participa do GEPEMHEP, desenvolvendo estudos e pesquisas sobre a memória e história da educação profissional e tecnológica (2012 a 2019). Curadora do Centro de Memória Antônio Ferdinando Francisco Possebon (2015 a 2019). Artigo publicado: “Metalografia: base conceitual de Colpaert como referência teórica e prática no curso de Mecânica” (2015). Trabalhos apresentados no Centro Paula Souza, São Paulo: “Resgatando a História do Philadelpho – Escola Artesanal” (2012); “Estudo dos objetos científicos e tecnológicos do curso técnico em Agropecuária do acervo do Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu no período de 1970 a 2015” (2016); “O teodolito ótico mecânico como ferramenta da topografia no curso Técnico em Agropecuária de 1970 a 2014” (2017) e “Narrativa sobre a historiografia e as práticas de registro de artefatos no Centro de Memória da Etec Professor Matheus Leite de Abreu” (2018).

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem